

AFRICANIZANDO

Fabíola dos Santos Cerqueira (PIBID Ciências Sociais/UFES)

Alexandre Holanda Nascimento (Mestrando em Geografia/UFES)

Resumo: O Projeto “Africanizando”, desenvolvido durante o ano letivo 2015 com jovens estudantes do Ensino Médio da EEEFM Aristóbulo Barbosa Leão, em parceria com o PIBID Ciências Sociais/UFES, visa atender as Leis 10639/2003 e 11645/2008, as quais tornam obrigatório o Ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira e dos indígenas na Educação Básica. Abordamos no desenvolvimento do projeto a (des)construção histórica do racismo e a permanência política e ideológica das teorias racistas que inferiorizam a população negra no imaginário social, através de Rodas de Conversa Sociológicas, pesquisas bibliográficas, produção de painéis com dados políticos, sociais, culturais e econômicos de países africanos, oficinas, aula de campo em comunidade quilombola, vídeos, músicas e customização de bonecas negras.

Palavras-chave: Cultura Afro-brasileira; História da África; Escola.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a um relato de experiência desenvolvida na EEEFM Aristóbulo Barbosa Leão, localizada no município de Serra/ES, no turno noturno, com jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio Regular, de forma interdisciplinar, entre as disciplinas Sociologia e Geografia, em parceria com o PIBID Ciências Sociais/UFES, no primeiro semestre letivo de 2015.

Através de Rodas de Conversas abordando a História e a Cultura da África e dos Afro-brasileiros, assim como de trabalho de pesquisa e elaboração de banners, os estudantes apresentaram trabalhos sobre países da África, focando nos seguintes aspectos: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Idioma, Culinária, Danças, Músicas, Aspectos Históricos e Geográficos, Organização Social e Espacial, Forma de Governo, Religião, País Colonizador, assim como aspectos da contemporaneidade, como a existência ou não

de conflitos envolvendo o país escolhido para a pesquisa.

Todo o trabalho foi registrado através de vídeos e fotografias. Essa proposta está embasada na Lei 11645/2008 (BRASIL, 2008), a qual prevê a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas de Educação Básica.

Acreditamos que a não discussão dessas temáticas no contexto escolar, somado às teorias racistas que, mesmo já tendo sido derrubadas cientificamente permeiam o imaginário social, na perspectiva política e ideológica, abrem espaço para que práticas de racismo ocorram também no cotidiano da escola reverberando nas famílias e por seu turno na sociedade

Rocha (1994) afirma que o etnocentrismo é uma visão do mundo no qual nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo, e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. Passamos a julgar o “outro” segundo o que pensamos, sentimos e acreditamos ser correto. O “eu” passa a ser a referência para o “outro”. O reconhecimento da diferença é ameaçador justamente porque fere a nossa própria identidade cultural. A sociedade do “eu” passa então a ser reconhecida como a melhor, a superior, a civilizada por excelência.

Rocha aponta ainda:

Aqueles que são diferentes do grupo do eu – os diversos “outros” deste mundo – por não poderem dizer algo de si mesmos, acabam representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados momentos (ROCHA, 1994, p. 15).

Daí torna-se necessário um esforço de relativizar, a fim de não transformar a diferença em desigualdade, que hierarquiza as culturas e os homens e as mulheres em superiores e inferiores.

Relativização [...] é o esforço de compreender a significação dos comportamentos, pensamentos e sentimentos do “outro”, nos termos da cultura do “outro” [...], a tarefa relativizadora da antropologia seria a de denunciar as lentes como lentes, lembrando que nenhuma delas é única, melhor, superior, intransformável ou insubstituível [...] não é nada fácil relativizar, pois a relativização vai contra as tendências etnocêntricas espontâneas do pensamento, que é sempre pensamento segundo os cânones de determinada cultura (RODRIGUES, 2003, p. 135).

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

A relativização possibilita que a diferença seja vista em sua riqueza:

O ser da sociedade do “eu” e os da sociedade do “outro” devem estar mais perto do espelho onde as diferenças se olham como escolha, esperança e generosidade. Devem estar, também, mais longe das hierarquias que se traduzem em formas de dominação. [...] A ida ao “outro” se faz alternativa para o “eu” (ROCHA, 1994, p. 93).

No início do ano letivo de 2015 resolvemos montar o “Painel Sociológico”, no corredor da escola. A proposta era de que o mesmo fosse temático. Abordamos cinco temáticas: Equilíbrio do Planeta Terra; Manifestações ABL; Bullying; Tribos Juvenis; e Onde está o Negro?



Figura 1 – Painel Sociológico

O último painel (Onde está o Negro?) foi proposto duas vezes, ficando exposto por aproximadamente três semanas e o teor das mensagens escritas nos trouxe muitas preocupações, uma vez que explicitava o racismo, o ódio e o desrespeito ao outro, disfarçado na forma de “brincadeiras”. Diante dessas preocupações, levamos o painel para a sala de aula e lá solicitamos que os próprios estudantes fizessem a análise e então pudemos debater o assunto com eles de forma mais aprofundada, conforme mostra a Figura 2.



Figura 2 - Análise dos Painéis Sociológicos em sala de aula

Muitos ficaram espantados com as frases e palavras que liam. Outros eram indiferentes. Muitos mostravam-se indignados. Foi o impacto do resultado do “Painel Sociológico” que mais influenciou no direcionamento deste projeto, sobretudo, devido às frases, algumas de cunho preconceituoso, como “O negro está onde tem pessoas praticando racismo”, “Somos todos macacos”, “Camuflados na escuridão”, “Os negros estão nas cadeias”, “Não me julgue por não ser igual”, “O negro está roubando”, “Preto é cor, negro é foda”, dentre outras frases e palavras de baixo calão, todas escritas em letras grandes e destacadas, o que fazia com que outras, de caráter afirmativo, sumissem, já que eram escritas de forma discreta, no canto do painel, quase imperceptível, como “Abra sua mente, negro também é gente”, “Mostre sua raça, mostre sua cor”, “Enquanto a cor da pele for identidade sempre haverá guerra”, “Diga não ao racismo”.

Esse projeto é uma aposta de que o conhecimento a respeito do outro (sua história, sua cultura, sua religião), nesse caso aqui o negro, poderá desconstruir o racismo. Os preconceitos são socialmente aprendidos, logo, podem ser desconstruídos, com conhecimento a respeito do outro, vencendo o etnocentrismo, superando política e ideologicamente a ideia de raças superiores. Foi essa ideia cruel, que no século XX,

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

dizimou mais de 6 milhões de judeus, negros, ciganos, homossexuais e todos os que não cabiam na forma “ariana” de Hitler, na Alemanha. Quiçá, esse mesmo racismo esteja tácito nos movimentos migratórios da contemporaneidade entre a África e a Europa.

O DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

Para o desenvolvimento das atividades aqui relatadas utilizamos textos (COSTA e OLIVEIRA, 2013, p. 63-75; 92-99), imagens e músicas; discussões em pequenos grupos nas salas de aula; rodas de conversa; aula expositiva dialogada; pesquisas e apresentações de trabalho; produção de banners; e customização de bonecas negras. Ao longo dos dois primeiros trimestres, a partir de aulas expositivas dialogadas, leitura de textos e trabalhos em pequenos grupos, músicas, vídeos e rodas de conversa, trabalhamos com os conceitos sociológicos de culturas, etnocentrismo, racismo, preconceito, discriminação, teorias racistas e mito da democracia racial.

No dia 07 de maio de 2015 tivemos a 1ª Roda de Conversa Sociológica “Africanizando”, com o Pedagogo angolano Abraão Nicodemos Ndjung (Figura3), objetivando desmistificar a África primitiva. Ele abordou a cultura angolana e os conflitos porque passa vários países africanos, dentre eles, a República Democrática do Congo, onde ele nasceu e de onde teve que sair devido à guerra. Falou de sua experiência nos campos de refugiados e da exploração de Coltan, produto extraído das minas e que serve para a fabricação de celulares, computadores e aparelhos eletrônicos. É o efeito do capitalismo na vida das pessoas de lugares mais distantes o que foi também abordado nessa roda de conversa. Esse momento contou com a participação de cerca de 60 estudantes e Professores de Sociologia, Geografia, Língua Portuguesa, História e Matemática.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES



Figura 3 – 1ª Roda de Conversa Sociológica

No dia 18 de junho de 2015 tivemos a 3ª Roda de Conversa, a qual teve como tema “As Religiões de Matriz Africana”, mediada pela Professora da Rede Municipal de Vitória, Indiomara Sant’Anna (Figura 4).



Figura 4 – 2ª Roda de Conversa Sociológica

“No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho...”

Os desafios para a elaboração e execução deste projeto foram muitos e acredito que ainda teremos muitos a serem vencidos até o final do ano letivo e a sua “finalização”. Agrupar todos os profissionais interessados para planejar coletivamente as ações a serem desenvolvidas foi o maior de todos os desafios. Muitas vezes tivemos que recorrer às redes sociais ou ao e-mail para nos comunicar, já que presencialmente nem sempre foi possível. Só faltou mesmo uma webconferência (o que não teria sido uma má ideia).

Conseguir motivar os estudantes, que a princípio parecia ser a maior de todas as “pedras”, foi muito fácil, principalmente porque as atividades planejadas os tinham como foco da aprendizagem (principalmente os do 3º ano). Uma estratégia foi a problematização dos conceitos como tema da redação, nos moldes do ENEM. Embora a superação do racismo não seja tão fácil, já que apesar de todos os argumentos científicos, culturais, históricos percebemos que alguns estudantes e até professores, verbalizam frases/palavras ofensivas e que mostram desconhecimento acerca do outro. Superar o etnocentrismo não é milagre. É persistência e muito trabalho.

Coordenar um projeto como este tendo apenas uma aula por semana também não foi nada fácil. A Sociologia tem um grande potencial como disciplina, pois nos permite trabalhar de forma interdisciplinar com todos os outros componentes curriculares, sobretudo, quando apostamos na pesquisa sociológica como eixo do trabalho. Mas a carga horária de trabalho dificulta a ampliação de muitas discussões, daí que tentamos contornar essa “pedra”, no turno noturno (onde foi possível), disponibilizando meu tempo livre para estar em parceria com o Professor de Geografia, Alexandre Holanda Nascimento, para o desenvolvimento de algumas atividades, em sala de aula, conforme a Figura 5. As apresentações de trabalho foram excelentes e superaram nossas expectativas. Acreditamos que o fato do trabalho ter sido solicitado, cobrado, incentivado e avaliado por professores de duas disciplinas contribuiu para o empenho dos estudantes.



Figura 5 - Trabalho de Pesquisa e Elaboração de Banner – Conhecendo os Países da África

No segundo trimestre produziram pesquisas sobre aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos de países africanos, de forma interdisciplinar com Geografia. Essas pesquisas foram materializadas em banner e apresentadas em sala de aula. No noturno fizemos a apresentação juntando na mesma aula os professores de Sociologia e Geografia para a avaliação dos trabalhos.

Ainda no segundo trimestre tivemos a customização de bonecas negras. Do total de 50 (cinquenta) bonecas, 27 (vinte e sete) foram doadas por amigos e parceiros para que fossem customizadas e posteriormente, doadas a um orfanato do município da Serra. Ressaltamos que além da customização das bonecas, os estudantes deveriam escolher um nome para elas, o qual deveria estar relacionado com mulheres negras que lutaram em prol da liberdade e da igualdade racial, demandando disso um aprofundamento ainda maior em antropologia cultural sobre o povo do continente em tela. Dois nomes escolhidos e que chamara atenção até o momento: **Dandara** (esposa de Zumbi dos Palmares) e **Luiza Mahin** (mãe biológica de Luiz Gama – poeta e abolicionista -, quitandeira que, segundo o filho, foi uma das articuladoras da Revolta dos Malês). Além disso, na distribuição das bonecas em sala de aula, pudemos observar uma postura diferente nos meninos, que ao invés de fazer brincadeiras machistas com os que seguravam as bonecas, passaram a

escolhê-las e a verbalizar que queriam aquelas que se fossem filhas/filhos se pareceriam com eles. Destacamos aí a questão de gênero colocada de forma positiva, pois pudemos refletir sobre a paternidade responsável.



Figura 6 – Customização das bonecas negras

CONCLUSÃO

Sabemos que esse trabalho está só no começo, pois se faz necessário realizá-lo diariamente. A Lei 10639/2003 completou 12 anos em maio e mesmo sendo reforçada (e ampliada com a obrigatoriedade da inserção da cultura indígena na educação básica) a partir da Lei 11645/2008, percebemos o quão longe estamos de ver essas temáticas incluídas no currículo da Educação Básica. Infelizmente, conforme nos faz refletir Martin Luther King, “aprendemos a voar como pássaros e a nadar como peixes, mas não aprendemos a conviver como irmãos”.

Acreditamos que a experiência vivenciada por nós na EEEFM Aristóbulo Barbosa Leão pode ser desenvolvida em outras unidades de ensino, com a mesma metodologia, adaptando-a as especificidades da comunidade escolar. Acreditamos ainda que este trabalho deve ser de continuidade e envolver todos os componentes curriculares e transversalizar o currículo escolar. Há necessidade de problematizar o racismo no ambiente escolar e a forma como visibilizamos o negro. Sem isso continuaremos a naturalizar posturas racistas, as quais rejeitamos.

Durante a avaliação do projeto com os estudantes, fomos surpreendidos com as seguintes afirmações:

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

“Só parei para pensar que não existem bonecas negras depois desse trabalho”.

“Minha filha é negra e o primeiro presente que dei a ela foi uma boneca branca. Se fosse hoje, daria uma boneca negra. Esse projeto me estimulou a enxergar isso”.

“O projeto foi muito bom. Gostei do vídeo “Vista minha pele”, pois foi a primeira vez que vi um branco passando pelo que passo diariamente”.

“O trabalho em parceria com Geografia foi muito bom. Ótima ideia”.

O momento de recebimento das bonecas customizadas foi muito emocionante. Além de perceber através das rodas de conversa o amadurecimento dos estudantes em relação à discussão a respeito do racismo e da África, percebi que nos aproximamos a partir desse trabalho. Era comum ser procurada para ouvir como as mães, as tias, as cunhadas e irmãs estavam empolgadas com essa atividade.

O que mudaria numa próxima aplicação seria a realização de uma aula de campo numa comunidade quilombola. Penso que seria a primeira coisa a ser feita. Infelizmente tivemos que deixar para o terceiro trimestre, devido à falta de recursos. A experiência com a pesquisa sociológica é muito importante para o desenvolvimento de projetos que trabalham temas como identidade, preconceito e discriminação. O contato com o outro, com o diferente, com o “estranho” e com a sua história é capaz de mobilizar ainda mais para o trabalho.

Como acreditamos que o racismo não é natural, ou seja, não nascemos, mas nos tornamos racistas, apostamos que a escola, através da conscientização e do conhecimento, pode contribuir para atitudes de respeito à diversidade. Para tanto precisamos estar dispostos a abordar as temáticas que envolvem os direitos humanos em sala de aula e a exigir uma postura de respeito por parte de todos. Acreditamos que assim estaremos fazendo nossa parte enquanto educadores.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Lei 11645, que Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: 10 de março de 2008. Disponível em:

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 22 ago. 2015.

COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Sociologia para Jovens do Século XXI**. 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros Passos)

RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia e comunicação: princípios radicais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2003